

# OS VIMARANENSES

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTONIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão  
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

## A' MARGEM

COM AS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS um maior intercâmbio literário começou entre Portugal e o Brasil, motivo do nosso maior orgulho de povo colonizador.

E' de crer que aproveitando esta data a gente portuguesa — e tantos são, bem perto de dois milhões — venha ao pátrio lar, matar saúdaes.



A COLONIZAÇÃO LUSÍADA, criou uma cidade, criou uma região, e até... criou um povo!

Criou uma cidade, descobrindo uma das mais lindas paisagens do globo, caprichoso recorte duma terra caprichosa — e nasceu pelo génio da sua vontade o Rio de Janeiro.

Arrancando pedaços da sua terra, espalhou-os por essas terras longínquas, como a lembrar de saúdaes os nomes que na sua infância ouviram — Belém, Guimarães, Bragança, Pôrto, Coimbra, etc., todos esses nomes por lá deixaram — regiões como que filiais daquelas outras que no Portugal distante ficaram... e nasceu o Brasil!



DESDE O NORTE AO SUL, pastor ou comerciante, missionário ou militar, ligou-nos um laço: o idioma e a fé.

Essa unidade de um Brasil que não se partiu, esse fenómeno é o resultado dos processos colonizadores dos portugueses — o génio da acção colonizadora: a Fé e o Amor à Terra!

Pela unidade da língua e pela religião conseguimos espalhar a nossa Raça, a nossa civilização. Essa a razão do Brasil, unido, único! (E' ver o que aconteceu com a América Espanhola).



DA SUA HISTÓRIA, dos seus verdadeiros construtores, não nos fala a História; o liberalismo deturpou-a completamente. A ida do nosso Rei D. João VI é tida ignobilmente por uma fuga. E... ainda mal chegado à Baía já D. João tenta, como represália, a conquista da Guyana francesa!...

O seu grande milagre histórico — formando outra Lusitânia em 1808, com as invasões francesas — salvando assim a honra da velha Lusitânia, atraído pela maçonaria, é assim tido como uma fuga!

## O Parque do Castelo

### Palavras de Justiça

A transformação do local onde se alteia o nosso Castelo, em acrópole sagrada da nacionalidade portuguesa, constitue aspiração desde há muito tempo alimentada pelos nacionalistas de Guimarães.

Pela realização deste sonho, desta radiosa visão, bateram-se os elementos do nacionalismo vimaranense.

E' que o Castelo representa para todos nós, como afirma Alfredo Pimenta, «o centro donde irradiou o movimento de independência que desmembrou o condado portugalense do Reino de Leão». Se da Citânia promana, desde tempos imprecisos, o apêgo à terra, foi, porém «prope Castellum Vimaranes» que os barões de entre Douro e Minho definiram e concretizaram o anseio de independência. Tôdas estas profundas razões históricas impulsionavam, justamente, o incontido desejo de transformar, nesta hora de exaltação nacionalista, o local do Castelo em colina sagrada de Portugal.

A capela de S. Miguel do Castelo, do século XII, e o Paço dos Duques de Bragança, do século XIV, mais valorizam e engrandecem esta colina.

Restaurados esses três monumentos, ajardinados os terrenos que os circundam, e demolidos os prédios que por ali, intrusamente, se erguem, o antigo monte «Iattitum» converter-se-ia no centro predilecto das romagens patrióticas de todos os portugueses.

Era este o sonho. Urgia, pois, aproveitar o momento propício para sugerir a quem de direito a sua realização.

Felizmente que esta ocasião ofereceu-se, mercê do concurso do povo vimaranense, aos orientadores da política do Estado Novo em Guimarães. Após as grandiosas comemorações do Ano X da Revolução Nacional em Braga, Carmona e Salazar atravessam as ruas de Guimarães, sob uma delirante, apoteótica aclamação que bem fundo devia ter impressionado o espírito dos Chefes supremos do Estado Novo. O povo vimaranense oferecia à Câmara e União Nacional da sua terra, com essa grandiosa manifestação, a ocasião propícia de se apresentarem a Salazar as aspirações de Guimarães.

Nesse mesmo dia, no Hotel da Penha, foi solicitada a Salazar, pela Câmara e União Nacional, uma audiência para a apresentação de alguns alvitres que desde há muito agitavam os nacionalistas de Guimarães. Após algumas horas ou dias, uma comunicação telefónica da Presidência do Conselho aprazava a audiência solicitada. Era a primeira vez, sem dúvida, que a voz de Guimarães ia soar no gabinete de Salazar. O dr. José Francisco dos Santos, presidente de então da Câmara Municipal e Francisco Pereira Mendes, da União Nacional, podiam sentir, nesse dia, justa ufania por verem os seus esforços coroados do melhor êxito. Estes dois valiosos elementos do Estado Novo em Guimarães, a cujas inteligências, sólidamente equilibradas, se deve um salutar período de unidade nacionalista vimaranense, partiram, imediatamente, acompanhados dos srs. coronel Duarte do Amaral, António J. P. de Lima, Alberto Costa e A. L. de Carvalho para Lisboa, a fim de exporem a Salazar as pretensões da nossa Terra.

De todos os projectos apresentados foram os do Parque à volta do Castelo e da restauração do Paço dos Duques de Bragança que

(Continua na 3.ª página)

## A' MARGEM

DA MESMA MANEIRA, D. João III, o hábil, o inteligente — Rei colossal que a Pátria engrandeceu — e que em visão perfeita, dum raciocínio lúcido cria a magna carta das colonizações, criando o Brasil — D. João III, chamam-lhe irónicamente o *Piedoso*.

Aos Jesuítas, os verdadeiros criadores do Brasil, lançaram-lhes as maiores calúnias e injúrias.



**PERTURBAÇÕES NA RÚSSIA.** Confirmam-se os tumultos na Rússia. A efervescência cresce em Leninegrado. Organizações anti-comunistas formaram-se em todos os centros importantes da U. R. S. S. São organizações de combate que esperam destruir o regime pelo terror. Em Leninegrado os terroristas mataram vários agentes da Guêpêu.

Veremos nós uma revolução na Rússia, durante a Guerra de 1940, como nós a vimos em 1917?



**CULTURA SOVIÉTICA.** Os finlandeses costumam difundir pela rádio os interrogatórios dos prisioneiros «vermelhos», para mostrar ao mundo a espantosa ignorância dos que pretendem impor à Finlândia os benefícios da «civilização soviética».

Estes interrogatórios são por vezes pitorescos. A um prisioneiro vermelho que tinha sucessivamente afirmado que Berlim era a capital da França e colocado a Turquia entre as nações escandinavas, foi lhe feita esta pergunta:

— Quanto tempo durou a guerra dos Trinta anos?

— Cinco, — respondeu sem hesitar.

## DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONSELHO

Causou profunda impressão o discurso que o Sr. Presidente do Conselho proferiu há dias em Lisboa na reunião das Comissões da União Nacional.

A êle nos referiremos mais pormenorizadamente em os números seguintes.

## Visado pela

## Comissão de Censura



# D A C I D A D E

## VIDA CATÓLICA

### 4.º Domingo da Quaresma

**Evangelho** (Ioan., VI, 1-15).—Passou Jesus à outra banda do mar de Galileia, que é o de Tiberíades. Seguiu-o grande multidão de gente, porque viam os milagres que elle fazia sobre os que se achavam enfermos. Subiu Jesus a um monte, e ali se assentou com seus discípulos. Estava perto a Páscoa, dia da festa dos Judeus. Tendo Jesus levantado os olhos e visto que tinha vindo ter com elle uma grandíssima multidão de povo, disse para Filipe: «Aonde iremos buscar o pão de que esta gente precisa para comer?» Falava assim para o experimentar, porque bem sabia o que havia de fazer. Filipe respondeu-lhe: «Não bastam duzentos dinheiros de pão, para que cada um receba à sua parte um pequeno bocado». Diz-lhe então um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro: «Está aqui um moço, que tem cinco pães de cevada e dois peixes: mas que é isto para tanta gente?» Então disse Jesus: «Fazei assentar esse povo». Havia naquele sítio muito feno. E todos se assentaram para comer, em número de quasi cinco mil homens. Jesus tomou os pães, e, tendo dado graças, distribuiu-os aos que estavam assentados; e o mesmo fez com os peixes, dando-lhes quanto elles queriam. E, estando todos saciados, disse a seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobejaram, para se não perderem». Eles recolheram-nos, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que tinham sobejado aos que haviam comido. Vendo aqueles homens o milagre que Jesus operara, diziam: «Este é verdadeiramente o Profeta que devia vir ao mundo». E, entendendo Jesus que o viriam arrebatár, para o fazerem rei, tornou-se a retirar para o monte elle só.

**Homilia.**—Esta passagem do Evangelho é uma advertência grave que a Igreja dirige a todos os fieis para lhes recordar o importante dever da comunhão pascal, também figurada no milagre da multiplicação dos pães. Todos os fieis dum e doutro sexo, desde que atinjam o uso da razão, são

obrigados a confessar-se ao menos uma vez no anno. Os pais devem ter cuidado em mandar seus filhos à confissão logo que estejam em condições disso, e instruí-los convenientemente para tal fim.

Se esta obrigação fôsse observada, muitas crianças livrar-se-iam de quedas funestas e guardariam como um tesouro a sua inocência. Mas os pais, se derem aos filhos o bom exemplo de obediência e sujeição ás leis de Deus e da Santa Igreja, neste particular, terão cumprido uma parte notável do seu dever, o que, sem dúvida, é mais eficaz do que todos os conselhos e recomendações. A confissão é o remédio indispensável para nos levantarmos de nossas quedas e nos curarmos das nossas doenças espirituais.

Quis Jesus Cristo que a Eucaristia fôsse o alimento espiritual de todos os seus filhos para lhes conservar a vida da graça. Sem a comunhão não podem as almas ter vida nem ter parte com Jesus.

Comungar mal é cometer o maior dos pecados, entregar Jesus ao demónio; *é comer e beber a sua própria condenação*. Comungar bem é praticar a mais santa das acções; é receber mil graças e bênçãos, é receber o penhor da vida eterna.

Ide, pois, mergulhar-vos na piscina da penitência e recordai-vos que a Santa comunhão tem a virtude de curar as nossas fraquezas e apagar as faltas veniais.

Aproveitemos a advertência que hoje nos faz a Igreja, que quer estimular a nossa fé e estimular-nos no desejo de receber a Eucaristia: *Parate viam Domini, rectas facite semitas ejus*. Nós iuvejamos a felicidade desta multidão a quem Deus fez tam grande milagre; e contudo nós somos mais felizes, porque todos os dias nos renova este perpétuo milagre e nos convida a saciar-mo-nos com o verdadeiro pão da vida.

Por Deus, apressemo-nos a preparar-nos devidamente; não adiemos a nossa ida nem apostatemos do nosso dever, porque omitir o preceito quaresmal é uma verdadeira deserção e deixá-lo para último lugar é indício de pouco amor e uma cobardia. Alimentemos a nossa alma neste sagrado banquete que é uma antecipação do céu.

mente despótico. Deve haver pois um *salário mínimo* com o carácter obrigatório, julgado suficiente para permitir a vida.

**Generalizando:** a economia deve estar sujeita ao espírito e à moral e não subjuga-los como na actual civilização materialista. No nosso tempo chegou-se ao aviltamento de pospor a dignidade do homem, dos lares, da razão só a nós concedida, ao reinado da máquina.

**Resumindo:** Temos obrigação de nos sacrificarmos ao bem comum da Nação, mas o Estado não tem direito sobre certas actividades nossas.

O homem tem direito à vida.  
O trabalho é digno de recompensa.

UM VIMARANENSE.

## NOTICIÁRIO

### Aniversários

Fazem anos nos dias a seguir indicados, os ex.<sup>mos</sup> senhores e senhoras:

3 de Março — D. Maria Albertina Carneiro de Carvalho e D. Maria Armada Almeida Carneiro.

4 de Março — Silvino Malheiro Rodrigues.

6 de Março — Casimiro Martins Fernandes.

8 de Março — D. Maria Vitória de Carvalho Damos e Lorena, José Salvador Cardoso de Meneses de Almeida Campos e João Gonçalves Martins.

9 de Março — João da Rocha Paris e António Lino Ferreira Pedras.

Apresentamos a todos parabéns muito sinceros e ao nosso prezado director acrescentamos um apertado abraço, desejando-lhe que esta data se repita por muitos e largos anos.

### Sociedade

Esteve nesta cidade, na quarta-feira, o inspector principal, sr. Augusto Gomes de Oliveira.

— De Li-boa regressou já o sr. Presidente da Câmara.

— Da mesma cidade regressou o sr. padre Manuel de Freitas Leite.

### Doentes

Tem estado bastante doente o sr. José Figueira de Sousa. Sua dig.<sup>ma</sup> espôsa, sr.<sup>a</sup> D. Ana Viamonte da Silveira Figueira de Sousa, depois de um pouco doente, encontra-se já melhor.

As criancinhas: Maria Felicidade, Maria Ana, Domingos José e José, filhinhos do sr. José Figueira de Sousa têm estado um pouco doentes.

— Tem estado também doente o menino Miguel José, filhinho do sr. Alberto Costa.

### Missa de sufrágio

Para comemorar o seu aniversário da fundação, a Associação Artística manda celebrar na igreja de Nossa S. da Oliveira, às 10 horas do dia 10 deste mês, uma missa por alma dos sócios falecidos.

Nesta mesma ocasião será benzida a nova bandeira. De tarde o sr. Luiz Fi-

lipo Coelho fará uma conferência, depois do que serão distribuídos subsídios às viúvas pobres, de sócios falecidos.

### Falecimento

No dia 29 de Fevereiro faleceu, na sua residência à rua de Camões, o sr. Manuel Augusto Saraiva de Carvalho Brandão, pai do sr. dr. Carlos Augusto Saraiva de Carvalho Brandão e do sr. João Saraiva de Carvalho Brandão e irmão do rev. sr. padre Francisco Augusto Saraiva de Carvalho Brandão.

Os officios fúnebres realizaram-se na igreja da Misericórdia, pelas 11 horas do dia 1 de Março, tendo o seu funeral sido muito concorrido de pessoas da melhor sociedade vimaranense.

O saúdoso falecido, bom nacionalista de sempre, e de excelente carácter, conquistou as simpatias dos vimaranenses, tanto pelo seu trato lhano e franco, como pelo papel que desempenhou como vereador, na realização de diversos melhoramentos muito apreciados na nossa cidade e concelho.

A Deus pedimos o seu descanso eterno e à família enlutada apresentamos bem sentidas condolências.

### Corporativismo

Realiza-se amanhã a reunião da assembleia geral do Sindicato dos Cutiveiros para a eleição da nova direcção, para o triénio 1940-43.

Atendendo a que é a segunda convocação, esta assembleia funcionará com qualquer número.

— No passado domingo reuniu a assembleia geral do Sindicato dos Cortumes, para a eleição da nova direcção.

Foi eleito presidente o operário sr. Manuel Cardoso, bom elemento corporativista desde a primeira hora.

### Acção Católica

Amanhã tem lugar a Comunhão Pascal dos jovens de 12 a 30 anos, da cidade. Na igreja de S. Dâmaso houve, para esse efeito, práticas preparatórias, nos dias 28, 29 e 1 de Março, às 21 horas.

A comunhão será feita nas diferentes freguesias, às 9 horas.

## AS OBRAS DA CIDADE

Andam muito satisfeitos, e com razão, os vimaranenses com as obras que activamente se realizam por toda a cidade de Guimarães. Efectivamente o espectáculo é consolador, não só porque se efectuam vários dos melhoramentos por que há muito se ansiava, mas também porque se vê mitigada entre nós a pavorosa crise do desemprego cujos efeitos, embora atenuados, somos obrigados a presenciar quasi todos os dias.

São, em primeiro lugar, as obras do paço dos Duques de Bragança onde trabalha mais duma centena de operários. Seguem-se os trabalhos do Parque do Castelo, que agora começam já a deixar entrever o que será, depois de concluída, esta valiosa obra do Estado Novo. Ainda

no mesmo local trabalha-se na conclusão do restauro da igreja de S. Miguel. Todos estes trabalhos são feitos por conta do Estado, tendo a Câmara colaborado nas obras do Parque, fazendo as necessárias expropriações.

Por conta da Câmara, com a colaboração do Estado, procede-se activamente à pavimentação da parte central da cidade, fazem-se as demolições indispensáveis para se abrir a nova avenida dos Palheiros e vão iniciar-se as obras da avenida dos Pombais. A expensas exclusivas da Câmara, sem participação do Estado, faz-se a pavimentação do Largo da República do Brasil, depois de se ter realizado a da rua de S. Dâmaso.

Rejubilamos com todas essas obras e aplaudimo-las. Preferíamos po-

(Continua na página seguinte)



# Festas Centenárias O PARQUE DO CASTELO AS OBRAS DA CIDADE

## As crianças das Escolas

Devem as crianças das escolas tomar parte no Cortejo das Flores?

Certamente. Para isso devem os seus professores, desde já, fazer os trabalhos preliminares necessários. Não se faça apresentar a criança nesse cortejo, pelo modo vulgar de grande bicha — a quatro de fundo.

Filas de oito a dez crianças, oferecem melhor efeito de conjunto.

Quanto à maneira de se apresentarem, pode tomar-se por modelo aquilo que se fez no cortejo 1.º de Maio, realizado entre nós, há poucos anos.

As meninas de vestidos claros, por grupos de côres. Na cabeça um vaporoso laço, da mesma côr dos vestidos.

Quanto aos meninos, vestiriam uma camisola branca, de manga curta, e calção azul.

A ideia de cada criança levar um ramo de flores, é certamente interessante; mas de pouco aparato. Melhor será estudar outra oferta, onde as flores do ramo se convertam em arco florido. A elevação destes arcos oferecerá no seu conjunto um empolgante efeito.

Para que o irrequietismo das crianças se acomode à condição de seguirem no cortejo com ordem e compostura, sem prejuízo dos arcos que conduzem, é aconselhável que cada arco florido seja conduzido por dois meninos apenas.

A confecção destes arcos, seria objecto de experiências. A verdura, como se depreende, formaria o arco. As flores matisavam-no.

Forma prática de conseguir dinheiro para estas despesas?

Uma parte das crianças, por suas famílias, resolveriam o seu caso. As outras, seriam providas pelas receitas que uma comissão, por cada escola, buscaria alcançar. Exemplo:

- Cotização semanal dos alunos,
- Espectáculo cinematográfico,
- Uma verba da Comissão Central,
- Petição às fábricas de malhas e tecidos etc.

## Bandeiras! Muitas bandeiras!

Não há ornamentações nas ruas e praças?

Haja bandeiras — a bandeira de D. Afonso Henriques — em todas as casas, em todas as varandas e janelas, por toda a parte.

Simplemente, se não houver quem as mande fazer em grande quantidade, em profusão suficiente para tal efeito, sucederá que a maior parte dos habitantes da cidade — não as põe!

Semelhante tarefa fica bem à Comissão das Ornamentações, ou cousa parecida.

Materiais para a confecção destas bandeiras e respectivos paus, adquiridos em quantidade, resultarão tornar a bandeira mais barata.

Será assim, mais acessível a sua aquisição, mais uniforme a sua confecção.

Já que se fala de bandeiras, lembre-se a conveniência de mandar fazer um tipo de bandeiras mais pequenas, destinadas a serem conduzidas na mão, quando outras manifestações o requererem.

E não faltam oportunidades para

(Continuação da 1.ª página)

mereceram a Salazar uma atenção mais demorada, um interesse mais directo. Salazar, satisfeito, classificou de lindíssimos tais projectos e prometeu toda a sua interferência na sua realização. Escusado será dizer que para Salazar uma promessa corresponde a uma breve realidade. Desde esse momento estava traçado o parque à volta do Castelo, estava restaurado o Paço dos Duques de Bragança. A um nacionalista confiante nas promessas do seu Chefe tais factos não podiam suscitar quaisquer dúvidas. Restava apenas o tempo indispensável para esboço de trabalhos, estudo de plantas, etc., etc., porque estas cousas não estão à mercê duma varinha de condão. Parque e restauro passaram pois à categoria de duas realidades para o progresso de Guimarães. E assim, passados um ano e poucos meses surge no manifesto que a clarividência de Salazar traçou, aliada à sua vibrante fé nacionalista, expondo ao país o plano das Comemorações Centenárias, surge, iamos a dizer, o local do Castelo de Guimarães como centro primacial dessas Comemorações e, portanto, implicitamente a efectivação do Parque e do Restauro do Paço dos Duques de Bragança.

Hoje que todos nós acompanhamos as obras que decorrem numa actividade febril à volta do Castelo, é da mais elementar justiça que recordemos os seus primeiros impulsionadores, aquêles que primeiro as sugeriram a Salazar.

Quando nos lembramos de que determinado periódico vimarense, que hoje para aí se esganiça a tecer louvamínhas às obras em curso, ousou, num dos seus números do mês de Junho de 1936, afirmar que «essa Comissão não cumpriu o seu mandato», que oferecia alviças a quem o informasse das «démarches» realizadas pela Comissão», mais avulta e sobressai a actuação firme desses nacionalistas de verdade.

Esse semanário era a voz do derrotismo, da descrença, a querer entibiar os ânimos já a cintilar de alvoroço pela boa nova da Comissão.

A'quelas perguntas escarninhas de «O que há? O que arranjou?», feitas no tal periódico, responde agora o cantar dos cinzéis, no granito da nossa região, dos canteiros que junto ao Paço dos Duques de Bragança constituem larga colmeia.

HUGO DE ALMEIDA.

## A propósito...

Fazemos algumas transcrições do *Notícias de Guimarães*:

### «Pela Educação»

«A juntar-se às diferentes crises que o mundo atravessa, em Guimarães há mais uma a registar, que não é das menos perniciosas. É a crise da falta de educação, que dia a dia atinge maiores proporções.

Não há respeito humano por ninguém; os impropérios e as obscenidades ouvem-se por toda a parte e se alguém se lembra repreender os autores de tam deprimentes ofensas à moral pública, está sujeito a ser enxovalhado publicamente.»

«Portanto, nunca será demais insistir neste assunto e dum modo muito particular no sentido de evitar o que se passa em Guimarães, onde campeia, infelizmente, uma condenável liberdade de linguagem e uma criminoso falta de respeito pelos sagrados deveres da boa educação.»

(Do *Notícias de Guimarães*, n.º 64, de 16 de Abril de 1933).

«Não é só em plena cidade que se proferem as mais indecorosas obscenidades, porque o triste espectáculo repete-se em várias partes. Junto às obras dos novos Paços do Concelho, por exemplo, onde se junta certa garotada, misturada com alguma gandulagem, o exemplo da má educação atinge as maiores proporções,

(Continuação da página anterior)

rém que todas as da Câmara fôsem comparticipadas pelo Estado e que se tivessem começado mais cedo.

O caso agora já não tem remédio, mas a verdade é que muito se poderia ter feito no ano de 1939, se houvesse vontade, como se vê pelo extracto que fazemos das mesmas verbas do orçamento daquele ano:—

«Capítulo XII — art.º 50.

«16) Expropriações, terraplanagens e outras despesas da avenida a construir desde a rua Francisco Agra à avenida Capitão Alfredo Guimarães e Monumento a Gil Vicente . . . . . 600.000\$00.

20) Urbanização dos terrenos à volta do Castelo e dos Paços dos Duques de Bragança e ruas de acesso, incluindo a Praça dos Novos Paços do Concelho . . . . . 350.000\$00.

22) Pavimentação da rua de Paio Galvão . . . . . 89.358\$00.

23) Pavimentação da avenida de Paio Galvão aos Pombais e alteração do perfil, iluminação, canalizações, etc. . . . . 350.000\$00.

24) Pavimentação do Toural, Jardim Público (lado norte), Largo 28 de Maio e rua de Santo António até à rua Francisco Agra 400.000\$00.»

Estas obras não surgem inesperadamente no orçamento de 1939; já faziam parte do plano apresentado ao Conselho Municipal em Setembro de 1937, quando este reuniu para apreciar o plano de actividade camarária e bases do orçamento para o ano de 1938. Dêsse plano, a que a imprensa deu então larga publicidade e fez merecidos elogios, transcrevemos algumas rubricas do capítulo respeitante a urbanização:

«Prolongamento das ruas de Santo António e Gil Vicente aos Palheiros e expropriações e monumento a Gil Vicente . . . . . 750.000\$00.

«Pavimentação e esgotos da avenida Paio Galvão—Pombais 671.000\$00.

Alteração do perfil transversal . . . . . 69.800\$00.

Pavimentação da rua de Paio Galvão . . . . . 90.000\$00.

Idem dos largos e ruas principais da cidade . . . . . 900.000\$00.»

Ao vermos executar-se este plano só temos razão para nos congratularmos e felicitar o seu autor.

VERAX.

sem respeito por ninguém, inclusive crianças e senhoras.»

«... teve necessidade de mandar fechar umas janelas de sua casa, a fim de evitar que uma pessoa de alta categoria que o visitava ouvisse os *palavrões* mais indecentes pronunciados cá fora.»

(Ibidem, n.º 66 de 30 de Abril de 1933).

«E assim ainda no passado domingo, vimos com os nossos olhos, dois grupos de rapazes, naquele local, a jogarem, a par dos costumados *palavrões*, que fazem corar os mais descarados *imoralões*.»

(Ibidem, n.º 82 de 20 de Agosto de 1933).

Poderíamos ainda citar outros passos e, nomeadamente, o artigo intitulado *Falta de Educação* publicado em o n.º 69 de 21 de Maio de 1933, mas por hoje bastará.

Também nos abstermos de comentários. Os nossos leitores fá-los-ão com certeza e tirarão dos factos as necessárias conclusões.

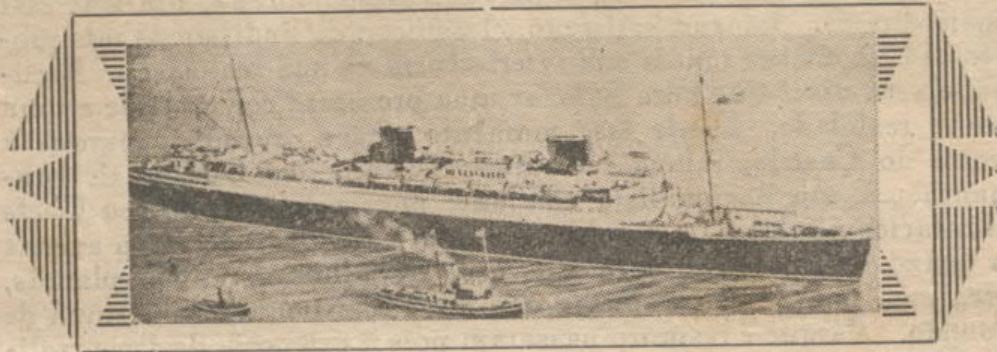


## « LIÇÃO DO FUTURO »

## Imagens e notas da guerra

## Os deveres dos governantes

A viagem aventureira do paquete alemão "Bremen"



O paquete alemão de luxo «Bremen», de 52 mil toneladas de deslocação, que tinha partido de Nova York ao rebentar do conflito actual, chegou há pouco tempo ao porto alemão de Bremerhaven, depois de misteriosa viagem, que durou semanas inteiras. O comandante do «Bremen» descreveu, ao microfone da Emissora de Berlim, a sua viagem. Disse que ao deixar o porto de Nova York era sua firme resolução tentar forçar o bloqueio britânico. Ao sair do porto a tripulação avistou dois cruzadores britânicos; o «Bremen» navegava a toda a força das suas máquinas, num total de 120 cavalos, de luzes acesas, com rumo para o sul, em direcção aos Açores e, a certa altura da noite apagaram-se as luzes de bordo. Ao alvorecer, tinham desaparecido os navios de guerra ingleses. O navio modificou então a sua rota e chegou ao porto soviético de Muimansk. Dali o «Bremen» fez-se ao largo e, sempre escoltado por aviões alemães, o navio conseguiu chegar, sem novidade, a Bremerhaven.

tas, não prescindem delas, sabê-las-á aplaudir e viver, mas na sua memória não ficará tudo o que se desejava. Necessita que lhe falem ao coração que pulsa ainda ligado ao coração dos seus antepassados que talvez tósem guerrilheiros de Afonso Henriques, peões de lenda em Aljubarrota, ousados navegantes de Manuel I, valentes e sonhadores companheiros do Moço-Rei D. Sebastião.

Correr-lhe-á, nas veias, talvez, sangue dos heróis das guerras da Restauração, será descendente dos intrépidos, simbólica e definitivamente vencidos em Évora-Monte...

Deixai então que essa gente boa suba leda à igreja da sua aldeia e reze a Deus os seus agradecimentos e peça a Deus coragem e fé para as batalhas do futuro, incógnitas a desvendar. Deixai que lhe digam que à voz do rei D. Afonso I vencemos os mouros, que às ordes do rei D. João I e do Beato Nuno de Santa Maria vencemos os espanhóis, que com o rei D. João IV fomos livres de novo.

Deixai contar-lhe, em contos de fadas e lendas de mouras encantadas, a história da sua Pátria.

Que em contos de gigantes e monstros fabulosos lhe mostrem nas nans pequeninas, bamboleando-se na majestade orgulhosa dos mares, o país que se dilatou pelo Mundo.

Deixai o povo cantar, rezar, para que depois escute, pense e medite os Mistérios de Portugal.

Deixai que o coração se lhe aqueça «ao calor dos grandes ideais, que a alma se lhe purifique ao contacto do mármore frio e austero dos túmulos dos nossos reis e maiores, púlpitos donde a verdade jorra em brilhantes catadupas.

Que o povo festeje as Comemorações Centenárias, ideia de Salazar, português da «Nobre Grey», mas que ele as sinta e medite para que fiquem como «lição do futuro».

Deixai, deixai então que o povo suba agora, pressuroso, às colinas das suas aldeias e lá em cima, junto da irmidinha branca, cheio de fé e a respirar o ar puro que o envolve, possa dizer em tom de prece, voltando-

se para o povoado que mais perto lhe fica: «Deus sabe a Pátria onde nasci e quero morrer! Dá-lhe, Senhor do Mundo, a paz e a virtude, purificando os corações dos nossos irmãos portugueses que além vivem ainda numa atmosfera tam doente.

Que a Pátria que por aqui nasceu há oitocentos anos, seja de novo um guião da fé, uma amostra do teu poder infinito, uma estrela na escuridão do mundo. E que, findas as Comemorações Centenárias, retiro espiritual do meu País, cada homem seja um prégador da sã doutrina, cada coração um sacrário das virtudes antigas da nobre Raça!»

A. S. M.

António Silvino Macedo

## Legião Portuguesa

Cópia dos telegramas enviados a Sua Ex.<sup>ta</sup> o Sr. Presidente do Conselho por motivo do discurso pronunciado no dia 26 do corrente em Lisboa:

«Ex.<sup>mo</sup> Presidente do Conselho — Lisboa: Delegação Concelhia Legião Portuguesa Guimarães saúda V. Ex.<sup>ta</sup> oportuno discurso cheio de fé e patriotismo. a) *Moreira Guimarães*, Delegado Concelhio.»

«Ex.<sup>mo</sup> Presidente do Conselho — Lisboa: Comandante e oficiais do Batalhão 13 Legião Portuguesa Guimarães agradecem a V. Ex.<sup>ta</sup> terem ouvido palavras oportunas de patriotismo e fé. a) *Moreira dos Santos*, Comandante do Batalhão.»

Quartel em Guimarães, 27 de Fevereiro de 1940.

## Sociedade Martins Sarmiento

O Sr. Ministro da Educação Nacional louvou, em portaria inserta no *Diário do Governo* de 14 do mês findo, a prestimosa Sociedade Martins Sarmiento pela persistência e elevado critério científico com que, durante cinquenta anos, tem sabido manter a publicação de uma revista trimestral de estudos históricos e arqueológicos, intitulada *Revista de Gui-*

A recepção oferecida há poucos dias aos governadores civis do continente e ilhas adjacentes, no Secretariado Nacional, pelo Sr. Ministro do Interior, revestiu, quanto a nós, dois interessantes e significativos aspectos: o do ambiente em que a cerimónia foi realizada; e o do valor intrínseco das afirmações produzidas pelo ilustre titular.

O dr. Pais de Sousa referiu-se a esse ambiente único, caracterizada-mente próprio do S. P. N., chamando-lhe com inteira justiça — *clima espiritual*.

Com efeito, assim é. Quem conhece, como nós, a vasta acção do incomparável organismo do Estado Novo, profundamente integrado no pensamento dos Chefes, desde os primeiros passos da sua fundação; quem folheia o grosso album da sua *permanente iniciativa* sempre concretizada em altíssimos serviços prestados à causa da nação, tanto considerados sob o ponto de vista de propaganda política, como ao estímulo e protecção das artes e letras pátrias; quem observa a notável projecção exercida para além das nossas fronteiras, com o ruidoso aplauso do mundo, que vai assim descobrindo inéditos motivos de admiração e novos ângulos de beleza na figura mater de Portugal eterno — não pode deixar de focar com intencional relêvo esse *clima espiritual*, esse ambiente patrioticamente emotivo do S. P. N., onde o Sr. Ministro do Interior quis reunir todos os representantes do Governo nos distritos do país, para elogiar a sua obra e exortá-los a *bem servir*, cada vez mais seguros da responsabilidade das suas funções e da grandeza moral dos seus *sagrados deveres*:

«Deveres que vão desde a defesa integral e total da doutrina à dedicação e lealdade devida aos Chefes; que vão desde a defesa do interesse legítimo dos povos, até à obediência não constrangida à autoridade; que vão desde a consideração que deve ter-se pela opinião pública, quando *séria*, até ao respeito que devemos ter pelo regime do direito e da legalidade: deveres, numa palavra, que devem girar à volta destes princípios fundamentais: Estado forte, mas de feição generosa; Estado de culto pelos valores espirituais, civilizados e cristãos; Estado de garantia das liberdades; Estado de justiça em que os interesses de todos *primam* o interesse de cada um.»

Foi deste modo que o Sr. Ministro do Interior definiu os deveres dos governantes, para que estes, no exercício das suas funções, através do País, continuem a mostrar-se colaboradores, cada vez mais valiosos, da obra de *resgate nacional*.

ZUZARTE DE MENDONÇA.

*marais*, de comprovado mercimento e manifesto interesse cultural.

E' com grande satisfação que *Ressurgimento* dá publicidade ao justíssimo louvor de que foi objecto a benemérita sociedade de que Guimarães tem motivo para se orgulhar e com igual prazer apresentamos à ilustre direcção os nossos parabens muito sinceros.